



PARA TER FUNK (NA ESCOLA) É PRECISO QUERER DANÇAR: PROBLEMAS E DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Eric Machado Paulucci [*]; Carolina Tamayo [**]

Dançando ao ritmo do funk apresentamos neste artigo algumas reflexões costuradas pelas margens das radiografias que a ciência tem feito das periferias e da colonialidade do saber operacionalizada para manter à margem, dos currículos escolares, conhecimentos outros. Orientados pela filosofia da diferença em diálogo com as demandas que nascem nas periferias, levantamos o questionamento acerca da verdade construída pela/com a Matemática, para desconstruir as lentes coloniais que as apagam, corpos e conhecimentos de homens e mulheres que habitam o espaço periférico. Está escrita por fim, quer provocar uma faísca inicial na discussão acerca do processo de produção de conhecimento da (Educação) Matemática enquanto campo de pesquisa, recorrido na constituição de um currículo, um currículo que dialoga com as demandas dos jovens das periferias urbanas.

Palavras-chave: Educação Matemática. Produção de conhecimento. Funk.

TO HAVE FUNK (AT SCHOOL) YOU MUST WANT TO DANCE: PROBLEMS AND CHALLENGES FOR MATHEMATICS EDUCATION

ABSTRACT

Dancing to the rhythm of funk, we present in this article some reflections sewn by the margins of the radiographs that science has made of the peripheries and the coloniality of knowledge operationalized to keep other knowledge from the school curricula aside. Guided by the philosophy of difference in dialogue with the demands that arise from young people on the periphery, we raise the question of the truth built by/with Mathematics to deconstruct the colonial lenses that erase the voices, bodies and knowledge of men and women who inhabit the peripheral space. Finally, it is written to provoke an initial spark in the discussion about the knowledge production process of Mathematics (Education) as a field of research, used in the constitution of a curriculum, a curriculum that dialogues with the demands of young people from urban peripheries.

Keywords: Math Education. Knowledge production. Funk.

PARA TENER FUNK (EN LA ESCUELA) HAY QUE QUERER BAILAR: PROBLEMAS Y RETOS PARA LA EDUCACIÓN MATEMÁTICA

RESUMEN

Bailando al ritmo del funk, presentamos en este artículo algunas reflexiones cosidas desde los márgenes de las radiografías que la ciencia ha tomado de las periferias y la colonialidad de los saberes



operacionalizados para manter outros saberes al margen de los currículos escolares. Guiados por la filosofía de la diferencia en diálogo con las demandas que surgen en las periferias, planteamos la pregunta sobre la verdad construida por/con las Matemáticas, para deconstruir las lentes coloniales que borran los cuerpos y los saberes de los hombres y mujeres que habitan el espacio periférico. . Está escrito finalmente, quiere provocar una chispa inicial en la discusión sobre el proceso de producción de conocimiento de las Matemáticas (Educación) como campo de investigación, utilizado en la constitución de un currículo, un currículo que dialoga con las demandas de los jóvenes. provenientes de las periferias urbanas.

Palabras clave: Educación Matemáticas. Producción de conocimiento. Funk.

ABERTURA

Quer-se esboçar com esta escrita sentidos outros atribuídos às periferias como territórios que produzem conhecimento a partir de suas insurgências/emergências, tema também proposto pelo curso “*Periferias Urbanas e Identidades Culturais: Diálogos Interdisciplinares*” oferecido em 2021 pela Universidade Estadual do Rio Janeiro (UERJ) em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Da perspectiva de dois educadores matemáticos, nos interessa desconstruir as lentes coloniais que apagam as vozes, corpos e conhecimentos da juventude que habita o espaço periférico. Para isso, nos lançamos aos fluxos do funk produzindo tensionamentos entre um movimento artístico e os processos de produção de conhecimento com a (Educação) Matemática enquanto campo de pesquisa, recorrido na constituição de um currículo.

Desafiando uma tradição que leva a Matemática ao povo, esperando de volta a consagração de um saber idealizado, as linhas que se seguem dizem menos de uma relação pronta entre ciência e arte [e política e estética e escola e currículo e ...] que de uma possibilidade de arrastar a Matemática para a comunidade e suas relações com o mundo, com o espaço, tempo e sujeitos que constituem e são constituídos pelos ambientes de aprendizagem que extrapolam os quatro cantos de uma sala de aula.

Diferente do que se possa imaginar, não propomos uma institucionalização do funk na escola, um manifesto em favor da disciplinarização de um movimento que pode ser lido enquanto “forma de uma população se conduzir sem obedecer ao condutor, mas também sem



romper com ele; não se trata de ser contra uma conduta, mas sim de lutar para ser conduzido de outras formas” (VEIGA-NETO; LOPES, 2012, p. 62). Antes, queremos nos aproximar do funk para fazê-lo funcionar enquanto veículo difusor que excede as condutas e produz um lugar com potencial inventivo e ativo, na medida que bagunça os limites do que tem sido considerado lado de dentro da topologia da escola. O funk, em sua diversidade, apresenta-se enquanto emaranhado, cheio de contradições, que por sua vez, pode ajudar a problematizar a *colonialidade do saber*¹ que atravessa o saber escolar institucionalizado, mas também carrega consigo sementes difíceis de serem tragadas por escancarar problemas históricos, culturais, sociais, econômicos... tão poucos explorados pela Educação Matemática. Quanto de funk suporta uma escola? Somos nós, educadores matemáticos, capazes de afirmar uma musicalidade jovem ou uma juventude musical?

Nesse percurso, caminhamos desconfiados de uma Ciência usada para salvação das almas que habitam as periferias - ou melhor tornadas periféricas pelo sistema moderno colônial e seus mecanismos de perpetuar verdades e, conseqüentemente, expectativas de vida. Mas então, o que pode uma (Educação) Matemática afetada pelo conhecimento e formas de vida do povo periférico? Civilização? Raça? Sujeitos [processos] periféricos e suas narrativas como costura para uma Educação (Matemática) outra? O que pode o batidão do funk como máquina de guerra nos cotidianos e suas repercussões curriculares? Distribuímos entradas para margear uma radiografia capaz de trazer reverberações ao currículo escolar em sua dimensão prescritiva e praticada. Tomamos para nós um ritmo que participa da juventude, trazendo à tona novos cortes e cenas, sem que seja necessário responder que currículo querem os jovens. Esse currículo grita. Perspicaz, não pediu licença, mas desde há muito tempo esteve aí. O funk é fluxo e é entre fluxos que nasce uma escola.

Cena 1

¹“A *Colonialidade do Saber* nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria da dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. Como nos disse Walter Mignolo, o fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico, não quer dizer que tenham inventado O Pensamento. O pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as epistemes com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens” (LANDER, 2005, p. 3).



Todo mundo devia nessa história se ligar
Por que tem muito amigo que vai pro baile dançar
Esquecer os atritos, deixar a briga pra lá
E entender o sentido quando o DJ detonar
Era só mais um Silva que a estrela não brilha
Ele era funkeiro, mas era pai de família
(MC Bob Rum)

Sua mãe o chamava de Moisés Osmar da Silva, mas no baile, a melodia apresentava “MC Bob Rum”. Era 1990 e o “Rap do Silva”² fazia festas inteiras re-narrarem a vida de mais um Silva, jovem morador da periferia. O *hit* destacava especialmente o contexto dos bailes funks cariocas e as situações de conflito ali existentes, ressaltando a necessidade de torná-los um ambiente pacífico, de lazer e comunhão. Bob preferia festejar as comunidades periféricas, a identificação com seus estilos de vida, os encontros e as trocas, combatendo assim a violência e os confrontos organizados e transformados em mercadoria lucrativa, resultado de uma sociedade desigual e cruel com os mais pobres.

Logo de início, a música se propunha enquanto homenagem a todos os Silvas do Brasil, convidando a eles e a todos os outros brasileiros a “se ligarem” na história de um funkeiro, pai de família, que tem o baile como um refúgio dos problemas. É no baile que existe a possibilidade de inventar cultura, inventando sentido para a vida; é sentindo as batidas das músicas, transformando-as em dança que os bailes se tornam a expressão de uma existência que se faz feliz através das brechas de um sistema que seleciona e marginaliza determinados corpos. Tendo em vista a história de um Brasil negociado entre coronéis e as violentas disputas por terra que tornaram dura a realidade dos povos indígenas, africanos e afrobrasileiros, não é um acaso a marginalização destes corpos.

² O grande alcance da música permitiu que, depois de mais de 20 anos, estreiasse o documentário “Bob Rum: A história de um Silva”, mostrando a vida do cantor desde sua infância até seu reconhecimento internacional, passando pela história do funk no Brasil e pelo impacto que a música teve nesta história. Para ter acesso ao documentário: https://vimeo.com/161623017?embedded=true&source=video_title&owner=1035969



Silva, por sua vez, era apenas mais um na selva³, que brilhava os olhos ao chegar nas festas onde exibia suas melhores roupas. Para ele, ser funkeiro era adjetivo que, por prudência, antecedia um “mas”: funkeiro, *mas* pai de família. Além destes, também carregava os atributos de bom trabalhador e de “um cara maneiro”, o que, de certa forma, expõe os valores dominantes da época e o preconceito com aqueles que se dedicavam ao funk. Tais valores tiveram ressonância graças ao trabalho da mídia que reforçou os estigmas a respeito do funk e das comunidades, contribuindo assim, para que o “termo ‘funkeiro’ substitui[sse] o termo ‘pivete’ passando a ser utilizado emblematicamente na enunciação jornalística como forma de designar a juventude ‘perigosa’ das favelas e periferias da cidade” (HERSCHMANN, 2000, p. 69).

Se por um lado Herschmann (2000) mostra como o funk, ao lado do futebol e do mundo do crime, pode ser entendido como via de ascensão social, uma alternativa especialmente para os jovens em vias de atingir a maioria frente às tarefas massacrantes oferecidas pelo mercado de trabalho excludente e autoritário, por outro, o “Rap do Silva”, apela à música enquanto tradução, dentre outros aspectos, dos “gemidos da cidade”, sendo assim uma prática de verter os problemas sociais, culturais, espaciais, históricos e econômicos em arte. É pela arte que Bob Rum trata o funk como uma dupla necessidade: a denúncia do preconceito e a transvalorização daquilo que diminui a sua potência de vida. Este funk, enquanto necessidade, é efeito de seu tempo, contrasta um pensamento despertado pelas precariedades do espaço urbano e suas soluções *tecnocientífico-informacional* (FILHO, 2008) para a produção musical.

O que opera em trânsito, para além dos mercados culturais, é a veiculação de uma estética que põe em jogo o cotidiano de uma juventude, bem como as regras que circulam em sua rede, as normas rejeitadas e tantas outras reformuladas de acordo com as poéticas que defendem suas existências. Recupera em palavra cantada a experiência da

³ Em Guérios (1973) e Barata e Bueno (1999) “Silva” aparece como o sobrenome dado àqueles que não são de sangue azul ou daqueles que habitam a selva. De acordo com Barata, “Silva” é bastante comum em Portugal e igualmente no Brasil, provavelmente, em razão da adesão do sobrenome por muitos portugueses que vieram para o Brasil em busca de anonimato e do registro dado aos milhares de escravos trazidos para o Brasil durante o período colonial.



ida ao baile que permite perceber a força dos saberes poderosos que lá circulam e se manifestam. É a estética das performances individuais e coletivas, das danças e modos de estar, de se apresentar e de agir, também individual e coletivamente, o que defendemos como inegável e potente criação e deflagração de saberes. Saberes que, entre outras provocações, desconcertam os regimes de valores-verdades vigentes sobre a arte e a experiência estética (FILHO, 2008, p. 222).

Sem dúvidas, com sua potencialidade política e epistemológica, o funk nos ajuda a, se não ver, ao menos sentir uma cidade no *entre* das cidades.

*Pra quem não conhece o funk
é com muito prazer
que eu me apresento
agora pra você.
Sou a voz do morro,
o grito da favela
sou a liberdade
em becos e vielas.[...]
(Funk-se quem quiser – Mc Galo e Mc Dolores⁴)*

FIGURA 1 – Funk: corpo e território e resistência e... existências que renascem.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMQipXOpXtj/>⁵.

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qr7cg_1U_10>. Acesso em: 10 de julho 2022.

⁵ Lambe de Alberto Pereira, artista brasileiro: “Minha pesquisa artística utiliza abordagens baseadas na colagem digital, analógica e na semiótica. Retorço, remixo, refaço e questiono alguns signos da nossa sociedade. Tem
Revista Temas em Educação, João Pessoa, Brasil, v.33, n.1, p.1-22,e-rte331202438,2024.



Para quem não conhece o funk, ele pode desafiar uma *pólis* iluminada, nos apresentar uma cidade subjetiva que vibra junto com os agenciamentos entre atores, saberes e fazeres. Não nos referimos a uma tentativa de homogeneização dos modos de ser e estar no mundo, mas de uma multiplicidade de existências que reivindica um universo historicamente recusado enquanto produtor de valores culturais, de práticas cotidianas e de conhecimento.

Reabrindo a discussão de um mundo comum em constante polêmica, tensão, em disputa contínua (RANCIÈRE, 2010), o funk e os funkeiros são potenciais vetores de desestabilização dentro de uma estrutura de partilha do comum na sociedade. Articulando estética e política, o funk funciona como uma arte que pode lidar com uma diversidade de formas de visibilidade, operando politicamente, isto é, uma arte que no movimento de instituição de outros tempos e espaços, suspende as coordenadas habituais do sensorial e redistribui os papéis sociais, desordenando o mundo dominante e estabelecendo novos modos de ocupar lugares.

Mesmo se quisermos suspeitar das vertentes do *funk ostentação*, variação musical que muitas vezes expressa agenciamentos coletivos de enunciação da sociedade de consumo, bem como as políticas de empreendedorismo de si, esbarramos em um modo de lidar com o neoliberalismo que não é uma mera reprodução do jogo, tampouco uma adequação sem efeitos. Embora diga de um modo de distribuição do desejo ainda aliado a uma vida capitalística, não é a mesma linguagem, torce a narrativa do Estado para tecer seu próprio espaço existencial. Algo ali é modificado quando outros sujeitos, com outras perspectivas de vida, passam a ocupar zonas artísticas (maiores) e consequentemente econômicas. Nesse sentido, o funk não moraliza um modo de interesse pela vida que exclui a possibilidade de sonhar com bens materiais, mas a apresenta com mais uma das possibilidades.

Recuperando o mundo como um espaço coletivo não dado, mas em construção, atravessado por um jogo de forças e relações de poder, o enquadramento dos acontecimentos e a projeção do outro tornam-se atividades usuais. Entretanto, esta perspectiva nos provoca a

gente que sampleia música, eu sampleio imagens”. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CMQipXOpXtj/>



pensar quais enquadramentos estão sendo propostos sobre as juventudes periféricas e suas formas de produzir realidade.

Defendemos, como um oportuno canal de aproximação desses jovens, as produções estéticas que lhes são caras. Resultados do aproveitamento das sobras da cidade, dos termos às práticas. Surpreendem as suas imagéticas impensáveis e desconcertam as suas poéticas de profana radicalidade. Obragens que mesclam todas as sobras: da indústria cultural às heranças de um passado imemorial no qual a festa e a conjunção coletiva faziam parte da ecologia social, ainda muito distante da radical mercadologização da seminal condição humana, que seria a relação estética com a vida. A compreensão e a valoração dessas realizações juvenis específicas, concebidas a contrapelo das autorizações morais e mercadológica, dependem do reconhecimento do imenso abandono do qual emergem. Abandono flagrante na ausência de efetivos investimentos políticos e na invisibilidade imposta aos meninos e meninas via a rejeição às suas participações na autoria das cidades. (FILHO, 2008, p. 217).

Nesse sentido, olhar para o funk significa reconhecer a periferia urbana como uma das autoras da cidade, que mesmo sob forte opressão, recria os espaços e participa produzindo afetações desde dentro da estrutura. Com isso, reaproximamos a possibilidade de pensar o funk como prática que vem sendo descartada dos processos acadêmicos/escolares que o desconhece e por isso o rejeita em detrimento do conservadorismo moralista que espreitam as práticas curriculares.

Cena 2

Feita a ambientação, o cantor começa sua história, “Eu estava lá no baile quando eu encontrei”, e coro imediatamente responde: “Uma mulher feia cheira mal como urubu” – vozes que, outra vez, servem para nos colocar dentro do baile. E a letra segue debochando desse personagem feminino. A cada passo que a história era contada o autor justificava as características da menina: “Porque mulher feia cheira mal como urubu!”. No entanto, com dois minutos e 58 segundos de execução dessa paródia com tons de machismo e misoginia, temos uma surpresa: a mulher feia responde às provocações: “Olha aí ó! Eu Sou feia, mas não sou para seu bico não em!/ Pisa, pisa, mas na hora do sufoco é mulher feia que resolve, meu chapa!/ Eu sou feia, mas eu dou para qualquer um!” e, por fim, termina a música dizendo “Essa noite tem um rala no buzu!”. (PIRES, 2015, p. 30).

Filho de muitas mães e pais, o funk deriva de uma série de estilos e arranjos musicais. Entre trocas, incorporações e invenções, não pode ser reduzido às elaborações dos anos noventa-dois mil, nem restrito às narrativas de resistência ao cosumismo ou às práticas



antidemocráticas. Se antes era uma batida dominante apenas nos morros e periferias, hoje ela já tem a aderência de casas noturnas de classe média, academias, novelas e a atenção da imprensa internacional. O que permanece é a influência do “tamborzão”, ritmo com rastros africanos (DE SÁ, 2007) que caracteriza o funk desenvolvido no Brasil, tanto aqueles produzidos pelos cariocas quanto aqueles outros compostos com o auxílio de estúdios e computadores.

No caso desta cena, dá-se a ver e escutar discursos misóginos performados não só na cultura funk, mas uma violência que perpassa toda a sociedade brasileira [inclusive os contextos educativos], fazendo emergir uma indústria cultural e de comunicação que por anos tem adjetivado a feminilidade. Daí [também] tem vazão os princípios moduladores dos padrões de beleza, a sexualização e a performatividade do corpo feminino e algumas das classificações que interrompem a fluidez entre gêneros. Da mesma maneira, pode-se pensar em algum tipo de liberdade sexual em tudo isso, o fato é que os modos de operar com a prática sociocultural do funk não são isentas das disputas positivistas, corpográficas ou quaisquer manifestações de poder entre bios e geos, costurando movimentos que hora contribuem e hora escapam de uma razão neoliberal ou colonial.

Linhas e mais linhas. Camadas e mais camadas. Um funk se faz entre intersecções de planos de composição. Há aqueles que fortalecem as assimetrias, tal como aqueles que descolonizam identidades quebrando tabus sobre gênero e sexualidade. Se há um funk, resultado da vida em sociedade que oprime, também há no funk uma crítica à opressão de gênero racializada, colonial e capitalista heterossexualizada, visando uma transformação vivida do social. Ao focar na subjetividade/intersubjetividade das mulheres periféricas o funk nos revela as opressões de mulheres colonizadas, chama-nos para superar a colonialidade do gênero. De um lado, olfatos machistas à espera da captura de mulheres. De outro, um funk assim como Virginie Despentes (2017, p. 6) escrevem também,

a partir da feiura e para as feias, as caminhoneiras, as frígidas, as mal comidas, as incomíveis, as histéricas, as taradas, todas excluídas do grande mercado da boa moça. E começo assim para que tudo fique bem claro: não me desculpo de nada, não vim aqui para reclamar. Não trocaria de lugar com ninguém, porque ser Virginie Despentes me parece um assunto muito mais interessante do que qualquer outro. [...] Mas também escrevo para os homens



que não querem proteger, para os que gostariam mas não sabem como, para os que não sabem lutar, para os que choram com facilidade, para os que são não ambiciosos ou competitivos, os que não são muito agressivos, nem são agressivos, os que têm medo, os tímidos, vulneráveis, os que preferem cuidar da casa do que ir trabalhar, os delicados, carecas, pobres demais para serem queridos, aqueles que querem ser fodidos na bunda, aqueles que não querem que ninguém conte com eles, aqueles que têm medo à noite quando estão sozinhos.

O funk e as escritas feministas se encontram e desencontram. Pode dizer de atos ou alianças com lutas antipatriarcais das mulheres do sul, junto aos movimentos por uma educação antirracista, como ainda, enquanto parte de um emaranhado, não isento de contradições, pode também gerar indignação: “Por que é que consideramos aceitável, trivial, a nossa diversão ser pautado por obras misóginas? Vocês não acham minimamente perigoso essa associação? Desde quando tá tudo bem brincar de misoginia, de estupro e de pedofilia?”⁶.

Há aí um potencial espaço de problematização, com revoluções em vias de explodir para lugares inimagináveis, será por isso a conveniência em não tocar em cenas como essas em territórios educativos? Ou melhor, os materiais escolares como os fones de ouvido e celulares já não são condutores de uma problemática que acontece sincronicamente com os livros de Matemática traduzidos na lousa? O currículo maior já não é constantemente desafiado pelo desejo? Profanado por aqueles que querem festa e que por isso redirecionam os caminhos de uma aprendizagem (matemática). Quiçá, o grande desafio não esteja em simplesmente admitir a dinamicidade que constitui uma sala de aula, mas apostamos em retomar sua crueldade para pensar um currículo capaz de produzir desejo. Pode uma Matemática com funk, engendrar pensar em uma estrutura social machista?

Cena 3

Entre funks, dispositivos musicais, algoritmos e políticas fomos encontrando durante esta escrita mais um eixo de disputas de forças. Uma espécie de Educação Matemática

⁶ Palavras de Furiosa recuperadas de <https://medium.com/qg-feminista/uma-m%C3%A3o-no-joelho-e-a-outra-na-consci%C3%Aancia-63e5f339c6c> em 02 fev. 2024.



capturada em prol de um sistema capitalista organizado para nos impedir de sermos afetados de outras maneiras ou por outros saberes?

Enquanto buscávamos por mais informações acerca do consumo do gênero musical no Brasil [funk], tropeçamos nos dados disponibilizados por uma das maiores plataformas de *streaming* no país, o Spotify: entre 2016 e 2018, a busca por *playlists* de funk brasileiro cresceram cerca de 4694%, fazendo deste estilo um dos mais consumidos durante os últimos anos⁷. O que não contávamos era com a dedicação da plataforma em publicar pesquisas de mapeamento dos interesses de diversos tipos de pessoas, tendo como principal base o uso do Spotify. Dentre estas pesquisas podemos ter acesso ao “*Culture Next*”⁸ que promete revelar como as últimas gerações estão moldando o *streaming* de áudio e a cultura em geral (nos perguntamos se, ironicamente, não é válida a relação inversa).

No documento, com inúmeras menções a uma sociedade mais apaixonada, aberta à inovação, inclusiva e justa, com design demasiadamente colorido e com fotografias atentas à diversidade das pessoas, são apresentadas estatísticas de entrevistas e combinações de

análises qualitativas e quantitativas, observando as gerações Z (15 a 25) e de millennials (26 a 40) durante dois períodos distintos: final de 2019/início de 2020 e julho/agosto de 2020. Por último, analisamos nossa Inteligência de Streaming exclusiva e nossos dados de first-party para definir macro e microtendências em áudio e em cultura de uma forma mais geral. (SPOTIFY, 2020, p. 3).

Nos salta aos olhos a maneira como uma Matemática é apropriada para sustentar as várias análises quantitativas atravessadas por um discurso escancaradamente neoliberal. Sem qualquer leitura um pouco mais aprofundada, em termos teóricos qualitativos, os números aparecem para legitimar uma tentativa antidemocrática de defender os interesses da empresa e seus financiadores. Afirma o relatório do streaming:

[...] os jovens esperam que sua cultura se misture com suas responsabilidades cívicas. Mas ao conversar com a geração Z e millennials, [...] descobrimos

⁷ Para saber mais:

<https://patrocinados.estadao.com.br/medialab/releaseonline/releasegeral-releasegeral/geral-segundo-dados-funk-esta-entre-os-ritmos-mais-ouvidos-em-51-paises/>.

⁸ Disponível em: <https://culturenext.byspotify.com/pt-BR>



que eles priorizam a busca de um propósito coletivo a fim de impulsionar a mudança, em vez de se apoiarem em papéis partidários que atrasam o progresso. Os brasileiros estão cansados dos mesmos antigos sistemas corruptos (77%) e menos interessados em partidos políticos do que em seguir em frente (81%). (SPOTIFY, 2020, p. 17).

FIGURA 2 – Negócios entre empresas: sobre matemática, a-política e outros capitalicmos.



Fonte: (SPOTIFY, 2020, p. 16)

Em tempos de intensas disputas políticas, o que se quer afirmar com este relatório? Em meio ao que coloca Rolnik (2019) acerca da construção da descrença na política brasileira sob a sombra farsante da defesa à democracia, atribuindo ao Estado um *status* de vilão que precisa ser reestruturado segundo a agenda neoliberal, *que Matemática é esta com a qual se quer operar?* Matemáticas produtoras de “pobres entre os pobres, lutando sozinhos na selva dessa vida social”⁹? Não é difícil de imaginar a contestação imediata à nossa reação: “não

⁹ Em Negri e Hardt (2014) encontramos um personagem conceitual comum na sociedade de controle que bem exemplifica o sujeito descrente das soluções políticas e suas organizações. O “representado” é o filho da ausência de possibilidades coletivas de mudança, “ao deixar de ser um participante ativo da vida política, o representado se descobre o pobre entre os pobres, lutando sozinho na selva dessa vida social. Se não estimular seus sentidos vitais e despertar seu apetite pela democracia, o representado se tornará um produto puro do poder, a casca vazia de um mecanismo de governança que não faz mais referência ao cidadão-trabalhador” (NEGRI; HARDT, 2014, p. 45).



somos nós quem dizemos, são os números!”. Para ver o que nos assusta é preciso abandonar a suposta neutralidade da Matemática e pensar para além do caráter informativo do “*Culture Next*”. Que cidades subjetivas são erguidas por uma Matemática? Que verdades são estabelecidas? Que currículo um funk com matemática [ou uma matemática com funk] inventa?

Cena 4

“[...] tudo é corpo e corporal. Tudo é mistura de corpo e no corpo, encaixe, penetração”
(DELEUZE, 2015, p. 90)

Embalados ao som do batidão funk, corpos se movimentam nas portas da escola na tentativa dissimulada de acompanhar o ritmo: mãos nos joelhos flexionados e corpos que se mexem num ato contínuo, tudo é corpo e corporal. Funk como ponto de partida para fazer a educação dançar, porque este elemento pode parecer distante do que prescrevem as competências e habilidades de um documento oficial, mas transbordam os respiros de um intervalo entre uma aula e outra, os portões pré-entrada e pós-saída de um presente/futuro organizado disciplinarmente.

De outra forma, parte dos cotidianos escolares das juventudes brasileiras, carregam o funk como movimento múltiplo e inseparável de suas dimensões. Ecoa as delícias e violências mundo afora. No fone de ouvido encaixado na orelha do jovem no recreio, põe em jogo uma máquina de guerra sonora, com suas próprias táticas disruptivas produtoras de linhas de fuga e de desterritorialização. Nem sempre as mais quistas pelos pais, professores, escolas mas que denunciam e anunciam possibilidades em linguagens que eles compreendem, as linguagens das lutas anti-imperialistas que anunciam as fatalidades às quais são submetidos homens e mulheres que habitam as periferias e que pouco ou nada se identificam com uma escola que parece fechar-se em si mesma. Assim, entre batida e rebatida não é que exista um funk do bem e um do mal... não é que um é machista e outro não, ou capitalista e anti-imperialista mas ele carrega tudo isso... a escola também carrega, mas até onde suporta lidar com esses assuntos?



Que escola suporta um funk de feiuras e (in)delicadezas? Estamos preparados para falar em um currículo que desce rebolando até o chão? [Não, não respondam. Não se trata de um “pegar ou largar”, mas de uma revisitação aos nossos processos de escolarização]. Uma escola que se permita explorar o corpo, mas também de escancarar a moral? Mais uma vez, na impossibilidade de separar o bloco, admitiremos experimentar caminhos para curar nossas feridas? Experimentar a agrimensura de um povo porvir, o povo que sabe falar sobre gênero, raça, sexualidade e classe de forma crítica, um povo que não usa os becos das memórias das comunidades para se esconder, mas para anunciar um devir-sul do mundo capaz de fazer dançar outra educação como sementes férteis de uma existência outra.

É possível que derive-se disso a tentativa de repúdio e criminalização à tal manifestação artística. Apesar do gênero musical ter se popularizado e alcançado relevância internacional, podemos dizer que enquanto máquina de guerra, o funk é experiência sem modelo e por isso, perigoso. Mas,

Se engana absolutamente aquele ou aquela que pensa que pode existir sem risco, atuar sem risco, produzir sem risco, criar sem risco. E muito menos, pensar sem risco. Pensar é muito perigoso. Eu queria pensar perigosamente, já que nós vivemos perigosamente (SOUSA, 1993, p. 144-145).

Sem admitir o perigo como parte da vida, não há maneira de fabricar entrelugares, espaços capazes de criar e ocupar territórios em batalhas de desterritorialização de alteridades coloniais. Uma aula que também é uma relação entre professor, matéria e aluno, é antes de tudo acontecimento, algo que se dá cotidianamente admitindo os envios e desvios trazidos pelo instante. É passinho ensaiado, mas não programado: depende do ritmo da música, mas também do corpo. Se existe uma política transmitida, ela é a ação de uma professora imbuída da capacidade de decisão, criação e ação coletiva.

Daí a ideia de compor com o funk enquanto ferramenta aliado à juventude da periferia, nos apresentando uma visão atualizada do presente, partindo dos seus sentires/estares no mundo costurando uma estética, poética e arte decolonial.

Professora me desculpe/ Mas agora vou falar/ Esse ano na escola/ As coisas vão mudar

Nada contra ti/ Não me leve a mal/ Quem descobriu o Brasil/ Não foi Cabral



Pedro Álvares Cabral/ Chegou 22 de abril/ Depois colonizou/ Chamando de
Pau-Brasil/ Ninguém trouxe família/ Muito menos filho/ Porque já sabia/
Que ia matar vários índios

Treze Caravelas/ Trouxe muita morte/ Um milhão de índio/ Morreu de
tuberculose/ Falando de sofrimento/ Dos tupis e guaranis/ Lembrei do
guerreiro/ Quilombo Zumbi

Zumbi dos Palmares/ Vítima de uma emboscada/ Se não fosse a Dandara/ Eu
levava chicotada. (Mc Carol – Não foi Cabral¹⁰)

Se é verdade que podemos explorar as histórias que os livros escolares não contam, não seria também possível dizer de uma História ou Geografia da Matemática reinventada sob os problemas e demandas daqueles que se expressam com a música? Ter pra uma educação matemática uma história escrita em música e enquanto ferramenta que tensiona uma apropriação da Matemática erguida sob uma ordem e regularidade, deixando oculto que as escolhas dos enquadramentos de eventos e acontecimentos em um espaço e tempo, não são mais que projeções naturalizadas.

Assim espera-se encontrar abertura para uma reorganização da maneira como pensamos o mundo e constituímos problemas para inventar um currículo de Matemática e propostas de experimentação para a sala de aula. Trazer a tona jovens que fazem Matemática adentrando pelos retratos da vida urbana nas periferias das metrópoles, determinada pela desigualdade social e pela construção da cidade sob a égide do capital através do funk, para povoar os cotidianos escolares de discursividades decoloniais como agenciamentos que permitam cultivar a diferença. Que se aprende em uma aritmética funkeira?

FECHAMENTO: Aquecimentos para uma (Educação) Matemática feita em batidinhas e batidões

Perdido seja para nós aquele dia em que não se dançou nem uma vez! E falsa seja para nós toda a verdade que não tenha sido acompanhada por uma gargalhada! (NIETZSCHE, 2002, p. 113).

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XchG_ORQ6Rc>. Letra disponível em: <[Não Foi Cabral - MC Carol - LETRAS.MUS.BR](https://www.letras.ufpb.br/letras/musica/2024/07/09/nao-foi-cabral-mc-carol)>. Acesso em: 9 julho 2022.



Como fazer dançar funk a Educação Matemática? Melhor dizendo, como fazer a Educação Matemática aprender outros ritmos para além da ciência que se diz ser a luz da verdade? Ritmos outros que desloquem a área para as fronteiras entre ciência e arte, para (quem sabe?) encontrar nos becos novas verdades, novos modos de funcionamento, novas alianças. Antes que frescas composições sejam feitas, faz-se necessário dançar junto às margens. Movimentar-se até que a vertigem nos torne capazes de ver os traços diversos e variáveis acerca da concepção de verdade na Educação Matemática. Deve já existir alguma relação mais imediata entre a juventude, o Funk e a Educação Matemática, todavia o que fazemos aqui não é recorrer a essa relação legitimada, mas propor uma conexão outra que nos ajude reunir forças para provocar o funcionamento de uma área e suas agendas de pesquisa.

Em quatro cenas, trazemos alguns dos movimentos do Funk, inicialmente pensados para escapar da escolha entre bem e mal, das espetacularizações e distanciar-se de absolutismos. Marcas e percepções mapeadas debaixo de muitas (de)codificações, *ficções brasileiras*, academicidades em espasmos, produzidos no processo de experimentar o ritmo musical e o que passa dele por entre sujeitos e escolas. Imaginários que acreditamos querer ser ouvidos por alguma área de pesquisa e outros ainda em elaboração. No fim, imaginários, reposicionamentos de limites frente a corpos, territórios e saberes, imagens e efeitos de outros em nós, professores de Matemática. Melhor dizendo, movimentos de um lugar de fala disposto a compor com o Funk, talvez não queiramos separar o que é movimento do corpo e o que é movimento do território.

Em alguma das dimensões, cenário articulado com um conceito de juventude atravessado por uma máquina social enquanto seres mal integrados, resistentes à socialização ou padrão normativo (PERALVA, 2007). O estilo musical pode ser entendido como um saber que penetra as instituições do mundo adulto fazendo com que os jovens exercitem suas práticas de constuírem-se enquanto sujeitos autônomos através de suas próprias referências e valores, assumindo assim, centralidade na produção de conhecimento e em uma das suas formas de sociabilidade. Com isso, constroem uma percepção sobre o mundo e sobre si mesmos, inventando maneiras de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual para além da lógica estreita do mercado e seus efeitos políticos e econômicos (DAYRELL, 2002). A



juventude de tal maneira percebida, torce até mesmo a ideia de formação como grau pronto e preestabelecido a ser alcançado, inaugurando o funk na modalidade educativa, pois

Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais. Entre eles, a música é o produto cultural mais consumido e em torno dela criam seus grupos musicais de estilos diversos, dentre eles o rap e o funk. Nesses grupos estabelecem trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, vivem determinado modo de ser jovem. (DAYRELL, 2002, p. 119).

Em outras palavras, as cenas nos apresentam agenciamentos que podem deixar pistas das expressões juvenis, aproximando de nós educadores, algumas das tensões e contradições de um modo de ser jovem não menos afetado pelas forças políticas, sociais ou dispositivos do mundo mercadológico (em crise), lugar curricular este, bastante visado pela Educação Matemática, em particular, no que se refere aos seus esforços em contribuir com a diminuição do desemprego juvenil (com foco na população com maior vulnerabilidade econômica) e a escassez de escolha no mundo do trabalho.

Nos arriscamos a acrescentar: estas questões não dizem de um modo de operacionalização de uma escola e de uma Educação Matemática, sendo esta última, por vezes, aventureira de um mundo ideal distante da camada popular, seus desejos e seus alcances de atualização de projeção de vida? Não traz tensões de uma humanidade muito bem orientada pela escola e que agora apresenta sintomas, mesmo que desconfortáveis de serem explorados por adultos educadores matemáticos pouco estimulados a ver outro prisma do futuro?

É certo que nem todas as cenas propostas aqui dizem de uma apropriação dos números para discussão de dados (como é caso da cena 3) e é em razão disso que queremos provocar o leitor a questionar uma essencialidade de área, ou estaríamos aprisionados a fazer problema exclusivamente em cima daquilo que pode ser quantificado à moda grega? Estas são produções que se dão a partir do “aqui e agora”, forçando a Educação Matemática a olhar para seus movimentos a fim de compor com eles não mais recorrendo a um plano de referência, mas se permitindo incomodar com problemas até então postos do lado de fora da área de pesquisa. No entanto, não descartamos os planos de referência, só queremos testá-los em



composição com outros elementos, potenciais pontos para reunir a juventude aos sentidos de currículos preescritos e praticados na aula de Matemática. Espera-se assim, tropeçar em um som ou signo-chave que estabeleça um plano comum entre educadores e alunos, capaz de sintonizar seus interesses, fazendo deles incentivo de afetos e, quem sabe, o despertar de uma relação amistosa com alguma Matemática.

Na busca por outras verdades, encontramos no funk material para experimentar uma juventude resistente, mas nem sempre convergente e unificadora. E para sermos sinceros: está tudo bem! Não estamos interessados nas mágicas e no entanto, imediatistas, verdades solucionadoras de problemas, “a verdade não é descoberta por afinidade, nem com boa vontade, ela se trai por signos involuntários [...]. A verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro” (DELEUZE, 2006, p. 14). Colocar esta perspectiva para a (Educação) Matemática consiste em recuperar movimento para estas áreas de pesquisa, quer dizer, pensar numa verdade que acontece pela força dos encontros, nos tira das essencialidades para produzir conhecimento sem uma referência a priori, encarando apenas as respostas do corpo ao ser afetado pelo outro.

Há aqui manifesto um afastamento da verdade, ou melhor das ficções que a Matemática criou e nas quais se sustenta, nada traduzindo senão um discurso que se autoafirma; mecanismos que separam enunciados adequados ou inadequados tendo como referencial a sua própria prática. Nas palavras de Foucault (2003, p. 14), trata-se de uma relação de poder-saber que engendra “um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados”.

É importante reforçar que não há nada de errado em firmar um território, não há demérito algum. Não há sequer um ser capaz de viver, exclusivamente, de desterritorializações. É somente dentro da dança que se faz possível a luta, a insurgência e tantos outros modos de dançar. Não estamos a negar a Educação Matemática enquanto área de pesquisa, todavia assumimos uma condição de marginalidade que “nos liberta da obrigação de agir sempre com cautela, com medo de virar tudo de cabeça para baixo, preocupados em não inquietar os colegas, membros da mesma corporação.” (SAID, 2005, p. 70).



Assim, quer-se aprender pensando com corpo e com o espaço, possibilitando a criação de outros possíveis não só para a pesquisa e para o currículo, mas para a vida. Pensar modos de ocupar(-se) (n)a escola como espaço público farto das privatizações (por vezes, de boa vontade) interessadas em sobrecargas.

A educação que conhecemos sempre teve o ímpeto de formatar as pessoas. A sala de aula já sugere isso ao incluir um grupo de crianças de mesma faixa etária sendo abordadas por um adulto, que é o professor. Isso ilustra de maneira muito clara a intervenção externa sobre cada um ali. Perdem sua autonomia e começam a se sentir compelidos a se alinhar com um propósito formatador do pensamento. E se nós sugerirmos que as crianças passem a ter tempo para si mesmas, que a experiência educativa seja convertida em uma proteção desse período para que a pessoa se autoforme, ao invés de ser formatada? (KRENAK, 2022, s.p.).

Um modo de experienciar tudo o que for necessário na vida sem controle do que possa vir. Encontrar na escola pensada e (especialmente) praticada, tempo para saborear os ritmos da vida, dessa que nos acontece, com seus problemas, revoluções, violências... e possibilidades. Uma alternativa a narrativa totalizante onde paira “a visão de que existem verdades científicas que são válidas em todo o tempo e espaço” (WALLERSTEIN, 2001, p. 194), o funk pode nos ajudar a pensar o espaço com o corpo em relação direta com um pensar-mundos, produzindo, nesta direção, outras existências e também, outros sentidos para a (Educação) Matemática. Outras aritméticas? Outras geometrias? Trata-se da valorização de práticas habitualmente jogadas para as margens e que contribuem diariamente para o exercício da cidade tal como ela é, para nos impulsionar em direção contrária das autorizações morais e mercadológicas.

Efetivamente, o que queremos com esta escrita é, por uma discussão inicial, provocar fissuras no que temos entendido como conhecimento acadêmico partindo do funk como arte brasileira que nos permite pensar numa (Educação) Matemática menos colonial e totalitária, propondo assim uma ecologia de saberes que não silencia o outro, que não anula sua subjetividade. Talvez assim, possamos operar não somente com as regularidades da Matemática européia, mas ao mesmo tempo, aprender indisciplinarmente.

[...] Porque eu sei que lá na frente



mesmo eu sendo inteligente
Sem informação na mente nada vai adiantar.
Então acorda minha gente,
vamos por a chapa quente
Em vez de formar delinquente
fazer o jogo virar.
(Educação, Mc Garden¹¹)

REFERÊNCIAS

- BARATA, Carlos Eduardo; BUENO, Antonio Henrique da Cunha. *Dicionário das famílias brasileiras*. V. 01 e 02. São Paulo: Ibero América, 1999.
- DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. *Educação e pesquisa*, v. 28, p. 117-136, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *A lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DE SÁ, S. P. Funk carioca: música eletrônica popular brasileira?!. *E-Compós*, [S. l.], v. 10, 2007. DOI: 10.30962/ec.195. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/195>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- DESPENTES, Virgine. *Teoria King Kong*. São Paulo: N-1 Edições, 2016.
- FILHO, Aldo Victorio. Estéticas nômades: outras histórias, outras estéticas, outros... ou o funk carioca: produção estética, epistemológica e acontecimento. *Visualidades*, v. 6, n. 1, p. 215-229, 2008.
- GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2 ed. São Paulo: Ave Maria, 1973.
- HERSCHMANN, Micael. *O Funk e o Hip-Hop Invadem a cena*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2010.
- LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Colección Sur Sur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

¹¹ Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/mc-garden/1768519/>>. Acesso em: 10 de julho 2022.



NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Declaração: Isto Não é um Manifesto*. São Paulo: Ed. Sesc/N-1, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zarathustra*. Tradução de José Mendes de Souza. EBooksBrasil, 2002. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/zara.html>>. Acesso em 03 jul. 2022.

PERALVA, Angeline. *O Jovem como Modelo Cultural*. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. Juventude e Contemporaneidade. – Brasília : UNESCO, MEC, ANPED, 2007. 284 p. – (Coleção Educação para Todos; 16).

PIRES, João Augusto Neves. *Cultura funk e subjetividades consumistas: sensibilidades da juventude no fluxo das periferias brasileiras (1990-2014)*. 200f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. A estética como política. *Revista Devires*. Belo Horizonte, v.7, n.2, p.14-36, Jul/Dez. 2010.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. n-1 edições, 2019.

SAID, Edward Wadie. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Editora Companhia das Letras, 2005.

SOUZA, Herbert. *Democracia*. In CLÍMACO, C.de S., ESTEVES, J. A. de L. e COUTINHO, L. M. (orgs.). *Pensamento Inquieto*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993, p. 143-54.

SPOTIFY. Culture Next. Disponível em: <https://culturenext.byspotify.com/pt-BR>.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. A inclusão como dominação do outro pelo mesmo. *Pedagogia e saberes*, Bogotá, n. 36, p.57-68, 2012. Disponível em: <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/1806/1776>.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

SOBRE A AUTORIA:



[*] Mestre em Educação Escolar (UNESP). Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (UFMG). Bolsista CAPES – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1992-8859> – e-mail: ericmpaulucci@hotmail.com

[**]Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Grupo de Pesquisa inSURgir – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8478-7845> - e-mail: tamayo.carol36@gmail.com

Submetido em: 14 de novembro de 2023.

Aprovado em: Abril de 2024.

Publicado em: Maio de 2024.